

## **Uma Po-ética em ação: a psicanálise por vir**

*“A psicanálise continua. Fundada por Freud e após a morte de Lacan, existe em seu discurso. Essa persistência supõe um ato suplementar: o de deduzir do discurso outro tipo de vínculo entre psicanalistas”.*

Convergência, o movimento lacaniano pela psicanálise freudiana foi fundado em Barcelona em 1998 por 45 instituições psicanalíticas de diferentes partes da América e da Europa, em dívida com a descoberta de Freud e os ensinamentos de Jacques Lacan.

Hoje, 25 anos depois, neste VIII Congresso Internacional na mesma cidade que foi fundada, viemos reafirmar - desde a dívida que os professores fundadores do movimento nos deixaram em sua transmissão- a continuidade da Psicanálise e da Convergência sob a questão : Que ética para a prática psicanalítica hoje?

Uma pergunta que nos envolve como uma onda em seu balanço e que coloca à Convergência para refazer o caminho percorrido e relançá-lo. Isto, para sustentar um movimento que cria um espaço entre o que persiste e o que muda, como dizem as palavras que abrem o ato fundador: A convergência continua e persiste.

Para que um acontecimento adquira a dimensão de um ato, deve-se confirmar depois que os efeitos que ele produz são tão importantes. Assim, as trocas teóricas e clínicas produzidas nas inúmeras atividades realizadas entre analistas e instituições têm possibilitado a criação de múltiplos artifícios: grupos de trabalho, conferências nacionais e regionais, conferências e simpósios internacionais presenciais e virtuais. Espaços sustentados a partir de diferenças e questionamentos compartilhados articulados no desejo de continuar pensando juntos sobre a validade do discurso da psicanálise. Eles são testemunho de que a fundação da Convergência não foi apenas um evento, mas se constituiu em um ato e fundamentalmente em um ato político cuja validade cabe às instituições membros.

Para Lacan, a categoria ato implica introduzir uma novidade a partir de um corte, introduzindo assim uma virada fundamental na prática analítica a partir de uma decisão que implica consequências irreversíveis para quem a sustenta. Desta forma, a dimensão do ato

importa no sentido de que se sustenta no fato de produzir eficácia na prática analítica a partir de uma incidência nova.

A partir das múltiplas questões que o ato analítico implica, é preciso apontar que ele não se esgota em sua dimensão significativa, mas que quando o objeto entra em jogo há uma dimensão real. No seminário do ato, na aula de 13/03/68, Lacan afirma. *"É justamente por saber que em todo ato há algo que, como sujeito, lhe escapa, que virá a impactar."*

Embora o ato esteja do lado do analista, sua incidência é sobre o sujeito, mas com a condição de que algo se perca para que haja um efeito do ato. Então a incidência do ato analítico se sustenta nessa subtração, nessa perda capaz de produzir um corte e onde esse próprio corte configura o ato. O ato inclui não apenas o sujeito, mas também o objeto. Por um lado, este é o efeito de um corte e, por outro, o objeto é o que resta, o que escapa à integridade do Um, produzindo e sustentando o vazio da falta. Na experiência da análise, o analista assume o lugar do semblante como um lugar vazio para que a partir daí possa operar a transferência; é seu trabalho segurá-lo, manobrá-lo e influenciá-lo para operar um corte. O ato do analista está perfeitamente articulado com sua política, pois, dito em outros termos, trata-se de produzir um efeito de realocização e alívio do sofrimento produzido pelo gozo parasitário do sintoma.

Com base nesses conceitos, estamos interessados em colocá-los para funcionar em relação às seguintes questões:

Se considerarmos que a convergência é um movimento que se constitui a partir de um vazio em seu centro que opera como causa e assim sustenta novas formas de vínculos entre analistas. Então, essa consideração implica uma política que direciona as ações do movimento. Se o ato analítico implica um novo vínculo, o laço social é matéria de discursos e o discurso é o terreno da política porque a política é inerente ao locutor.

Para Hanna Arendt, a política se fundamenta no fato da pluralidade dos humanos. Agora, para convergir numa pluralidade, sustentar a singularidade e a diferença, é preciso manter o vazio como falta. Apoiar a falta como castração garante que a fundação preserve seu status de ato e político, além de manter e produzir novas incidências no movimento. Assim,

após 25 anos, vale a pena nos perguntarmos sobre seu futuro como movimento institucional. Trata-se de como abrigar o vazio como suporte e motor que reproduz o movimento e não permitir que a pressa, a burocracia ou a necessidade de cumprir o que foi acordado obstrua e silencie os desconfortos que as ondas produzem.

Se cada época corresponde a uma política e esta demonstra a forma de gerir os gozos e os corpos, nos interessa perguntar qual a incidência de uma política fiscal do discurso capitalista globalizado nesta evolução do Movimento. Sabemos que atualmente ela promove a ação para todos os corpos, como promessa de felicidade e que na "pólis" a política sustenta que o gozo pode ser alcançado. Desta forma, estabelece-se um cenário onde tudo é possível. Trata-se de uma política que, ao sustentar que a plena fruição pode ser alcançada pela rejeição da castração, tenta dar o golpe de misericórdia ao subjetivo, buscando eliminá-lo, achatá-lo, e exilá-lo. Eliminar o sintoma e a angústia é retroceder em uma das maiores conquistas da humanidade, quando pela mão da psicanálise o ser falante recuperou a possibilidade de descobrir o desejo que o habita, indo conquistar os objetos que lhe provocam o desejo e assim acessar um pouco mais do gozo de uma vida melhor. Sob esse panorama e em um tempo onde o institucional se burocratiza e se sustenta a partir do discurso do politicamente correto e do mestre por sua vez, a psicanálise sobrevive, então como continuar apoiando esse ato político de continuação e persistência da Convergência?

Na "Proposição de 9 de outubro" encontramos uma referência à psicanálise em extensão como *"tudo o que resume a função de nossa Escola na medida em que apresenta a psicanálise no mundo"*. A referência ao mundo pode ser lida como: in-mundo, imerso no mundo, em sua cultura, também em sua população, com os outros pequenos. Isso importa na medida em que inevitavelmente o encontro com as diferenças ocorre no mundo. Agora, a forma como lidamos com essas diferenças é um ponto crucial porque inclui diferentes métodos e possibilidades desde o seu apoio numa "fraternidade discreta" que dá origem ao vínculo com o outro preservando a singularidade, à anulação do outro como ameaça. A partir da Convergência, promovemos uma prática dessa fraternidade discreta que implica a

possibilidade de estabelecer vínculo com o outro sob condição de preservar a singularidade de cada um, ou seja, devemos sempre tentar articular entre o irreduzível do gozo e a castração para evitar que o grupo ou grupos sejam constituídos em massa.

Em outras palavras, que o gozo em jogo naqueles que realizam uma ação política deve ser reduzido ao mínimo. Portanto, a direção do movimento implica fazer da ação política um ato, pois um ato é a base que implica uma relação com o outro que não se sustenta nem na idealização nem na negação do outro, fontes nas quais rega o desejo de submissão e morte do outro.

Trata-se então de interrogar essas questões que enquadram a nossa prática e o laço social que enquanto analistas mantemos nos nossos agrupamentos institucionais. Da mesma forma, instalar uma posição interrogativa que atue como contrapartida ao conhecimento totalizante e homogeneizador.

Porém, é na prática clínica, na experiência única e singular de cada cura, que os analistas defendem uma política que se opõe aos discursos que produzem a destruição subjetiva. A presentificação da psicanálise no mundo implica uma ética em relação ao vínculo que nos interessa colocar em funcionamento hoje neste espaço. O que significa assumir uma postura ética política contrária ao que se manifesta na cultura atual, onde a compulsão prevalece sobre o pensamento? Como acomodar o que postula nosso ato fundador de trabalhar com as diferenças como condição para o avanço da psicanálise? E, por fim, é possível pensar um movimento cuja evolução se baseia na rotação dos 4 discursos propostos por Lacan, dando lugar às voltas necessárias para que o laço social se desenrole num movimento contrário às estruturas coaguladas de sentido? Nessas voltas relacionadas aos discursos propostos por Lacan, é preciso sustentar uma posição questionadora consubstancial ao discurso da histérica onde o sujeito dividido entre o que diz e o que quer dizer, pode se questionar sobre o que acontece.

Se ansiamos que sobreviva e se transmita em nós a chama herética que a Lei dos Fundamentos da Convergência promove, então porque não apelar à invenção, isto requer também situar os impasses que se têm verificado no desenvolvimento do percurso muitas

vezes cansativo em que temos caminhamos em convergência nestes 25 anos, por isso convocamos:

Situar um tempo de trabalho que permita o desdobramento da palavra, dar origem aos fundamentos das posições políticas que se sustentam, permitir o desdobramento das questões daquilo que se manifesta como sintoma, apontar para o desejo que é a causa do nosso trabalho , e constituir com ela, o farol que orienta nossa caminhada.

Desdobrar os efeitos que a situação civilizatória prevalecente teve em nosso movimento: a crise econômica no mundo determinada pelos efeitos da pandemia e a guerra desencadeada na Europa, etc. Ao modelo de relacionamento com o outro já mencionado, devemos acrescentar o inusitado avanço da tecnologia e dos modos de comunicação virtual. São as telas e os celulares que marcam os modos de aproximação com o outro. Os contatos via chat pelo celular suplantaram o contato face a face. Ressaltamos que tudo isso também foi transferido para nossa clínica, possibilitando atendimentos via telefone e virtual e ao mesmo tempo os dispositivos de transmissão da Psicanálise passaram a ser realizados via virtual. Nossas trocas nas instituições e nos artifícios interinstitucionais também tomaram essa forma. Essas modificações no vínculo com o outro têm surtido efeitos positivos, possibilitando que as trocas ocorram sem que a distância geográfica e as condições econômicas constituam impedimento.

Proposto isso, queremos apontar algumas questões que julgamos necessário questionar para atribuir-lhes a categoria de sintoma. Formulamos algumas das questões que o futuro do movimento nos chama a fazer na nossa experiência de membros. A pressa a que nos submete o “fazer as coisas andarem”, a pressa de concluir, tem nos levado a renunciar ao tempo de falar? Durante a reunião do CEG 2022, verifica-se que a demissão de algumas instituições da Convergência não foi suficientemente trabalhada. Também não foram discutidas as questões relativas à conjuntura econômica mundial determinada pelos efeitos da pandemia e da guerra desencadeada na Europa que influenciou as atividades do movimento. Da mesma forma, não concedemos status de questionamento à ausência de instituições europeias que, embora continuem a pertencer ao movimento, não participaram

de atividades e reuniões. É hora de pensar em como promover atividades alternativas de outra forma, tanto na América quanto na Europa, atendendo à atual conjuntura econômica e incentivando uma maior participação dos analistas?

A transmissão virtual de atividades pode se tornar uma forma que possibilite uma maior participação, mas não se deve esquecer que o presencial é o caminho mais adequado para a criação de vínculos e trocas.

Outra questão a considerar é a alternância das gerações de analistas no movimento. Muitos dos analistas que promoveram e fundaram o movimento não estão mais presentes nas lideranças das instituições e a participação no movimento foi substituída por uma segunda geração de analistas. Isso fala do fato de que houve transmissão, que o que funcionou como causa nos pioneiros e mestres é recriado em outros que mantêm viva a causa desse desejo indestrutível que nos impulsiona a continuar trabalhando no avanço da psicanálise. A partir daqui nos perguntamos, que efeitos isso tem sobre o futuro do movimento? A convergência foi estabelecida a partir do princípio de que em seu centro existe um vazio que atua como causa e relança nosso desejo. Para que isso não seja letra morta, devemos continuar apoiando o compromisso com uma Psicanálise que tenta alcançar a castração, não que a evite sustentada em uma ética que aposta no desejo e na sua transmissão.

Para a nossa reunião anual do CEG, parece-nos importante colocar um tempo de trabalho que permita o desdobramento da palavra, dar lugar a fundamentação das posições políticas que se assumem, permitir o desdobramento de questões daquilo que se manifesta sintomaticamente na evolução do trabalho, visam o desejo que causa. É isso que é preciso sustentar, é o que devemos manter como horizonte que orienta a direção do nosso movimento. Em nossa proposta achamos que isso permitirá que em cada encontro de trabalho e nas atividades que desenvolvemos haja espaço para o surgimento do novo, permitindo que a Convergência sobreviva preservando a chama herética de sua fundação. Isso estimulará novas gerações de analistas a assumirem o posto da Psicanálise a partir da

descoberta freudiana e da transformação subversiva que Lacan trouxe para a teoria e clínica da psicanálise.

Ao intitularmos nossa obra "Uma Po-ética em ação: Psicanálise por vir" nos referimos a que é uma ética que aponta para uma poética. Poises em grego é criação e também poesia. É isso que poderá oferecer à Convergência um futuro no mar dos discursos. Nas palavras de Lacan "fazer ressoar algo diferente do sentido, fazer ondas". Será possível que esta emblemática cidade do seu maravilhoso mar, possa convergir para se preparar para fazer ondas?